

Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Daniela Remião de Macedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Artes [recurso eletrônico] : propostas e acessos /
Organizadora Daniela Remião de Macedo. – Ponta
Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-393-4

DOI 10.22533/at.ed.934201709

1. Artes – Pesquisa – Brasil. I. Macedo, Daniela
Remião de.

CDD 701

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta 23 capítulos com artigos de pesquisadores das artes atuantes em diferentes instituições de ensino superior no país e no exterior.

Inicialmente, é apresentada uma discussão teórica a respeito das propostas epistêmico-terminológicas dos termos “arte” e “artes”. Em seguida, textos abordando diversas áreas artísticas são organizados de acordo com as experiências e reflexões dos autores relacionadas ao cinema, fotografia, teatro, dança, música, e suas inter-relações, além da educação das artes.

A coletânea se encerra com dois artigos que entrelaçam explicitamente as pesquisas em arte com o momento atual que a humanidade enfrenta: o isolamento social devido à pandemia que alterou a vida de todos nós durante este ano de 2020.

Nos textos aqui reunidos, mesmo os que não abordam pesquisas desenvolvidas durante a pandemia ou façam referência a este período, observa-se que o corpo, como forma de expressão artística, se mostra intensamente presente, talvez um reflexo inconsciente das restrições de movimentação que o isolamento social nos impõe.

Nesse momento, em que enfrentamos insegurança quanto à saúde e incerteza em relação ao futuro, sintonizarmos com a arte nos permite uma forma criativa e agradável de lidarmos melhor com a sensibilidade que a situação nos faz aflorar.

A arte aliada à tecnologia, tem conseguido romper barreiras neste momento de quarentena, graças ao trabalho sensível e à interação dos artistas com diversos públicos. Apesar do distanciamento físico, os muros do preconceito à tecnologia são derrubados, permitindo com que a criatividade dos artistas entrem em nossas casas, e estejam mais próximas do que nunca, ampliando audiências e ultrapassando estigmas.

Neste sentido, essa publicação em forma de e-book, concretizada durante este período de isolamento, representa também uma forma da arte, através dos escritos de pesquisadores, encontrar público e se fazer presente através do meio digital.

Agradecemos à Atena Editora pelo contínuo trabalho de divulgação de pesquisas científicas, especialmente na área artística, e pela oportunidade de organização deste livro.

Aos leitores, propomos uma agradável imersão nas pesquisas dos autores de “Artes: Propostas e Acessos” que conduza a proveitosas reflexões, tendo as artes como fio condutor. A proposta foi dada, o acesso é irrestrito!

Boa leitura!

Daniela Remião de Macedo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ARTE OU ARTES: IDEOLOGIA REPRESENTATIVA <i>VERSUS</i> EPISTEMOLOGIA DA ÁREA Edson Hansen Sant’Ana DOI 10.22533/at.ed.9342017091	
CAPÍTULO 2	23
QUEM ESSE ESPETÁCULO PENSA QUE VOCÊ É? MODOS DE ENDEREÇAMENTO NO CINEMA E NAS ARTES PRESENCIAIS Milena Pereira dos Santos DOI 10.22533/at.ed.9342017092	
CAPÍTULO 3	32
“LÚCIO FLÁVIO – PASSAGEIRO DA AGONIA”, “EU MATEI LÚCIO FLÁVIO” E “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”, UM OLHAR SOBRE O ESQUADRÃO DA MORTE CARIOCA NOS ANOS 70 Eduardo Marcelo Silva Rocha Hamilcar Silveira Dantas Junior DOI 10.22533/at.ed.9342017093	
CAPÍTULO 4	44
VER-A-CIDADE: UMA DÉCADA DEDICADA À FOTOGRAFIA EM MARABÁ Cinthya Marques do Nascimento Erivan França Araújo da Silva DOI 10.22533/at.ed.9342017094	
CAPÍTULO 5	57
VISIBILIDADES DO CORPO ENFERMO Juçara de Souza Nassau DOI 10.22533/at.ed.9342017095	
CAPÍTULO 6	71
DO TEATRO AO CINEMA NEGRO NO BRASIL: MARCAS EM SERGIPE Wolney Nascimento Santos Fabio Zoboli DOI 10.22533/at.ed.9342017096	
CAPÍTULO 7	84
MOTIVOS PARA SE DESEJAR UM TEATRO AUTOFICCIONAL Raíza Cardoso dos Santos DOI 10.22533/at.ed.9342017097	
CAPÍTULO 8	89
QUADRO EM BRANCO: TEATRO EM PROCESSO Rosyane Trotta Johana de Albuquerque Cavalcanti	

Jacyan Castilho de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.9342017098

CAPÍTULO 9..... 99

O DUPLO CHAMADO TERNURINHA

Stefanie Liz Polidoro

DOI 10.22533/at.ed.9342017099

CAPÍTULO 10..... 106

VOZ EM VÓS: O RECONHECIMENTO DO HUMANO ATRAVÉS DA VOZ NO TEATRO

Shadiyah Venturi Becker

DOI 10.22533/at.ed.93420170910

CAPÍTULO 11..... 116

A TRADIÇÃO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA DA CENA LÚDICA RUSSA – DIÁLOGOS COM O SISTEMA

Viviane Costa Dias

DOI 10.22533/at.ed.93420170911

CAPÍTULO 12..... 120

ATRAVessar- MEDIAÇÃO EM/SOBRE POÉTICAS DA CENA NO CARIRI CEARENSE

Suzana Carneiro de Souza

Paulo Andrezio Sousa e Silva

Gabriel Ângelo de Luna Silva

DOI 10.22533/at.ed.93420170912

CAPÍTULO 13..... 131

ARTES: PROPOSTAS, ACESSOS E INTERSECÇÕES PARA O SÉCULO XXI

Adriana Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.93420170913

CAPÍTULO 14..... 143

DANÇA AFRO-BRASILEIRA: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE HERANÇA AFRO-DIASPÓRICA

Artenilde Soares da Silva

Francisco Elismar da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.93420170914

CAPÍTULO 15..... 161

O CÍRCULO ARTISTA, ARTE E OBRA

Elaine Erhardt Rollemberg Cruz

DOI 10.22533/at.ed.93420170915

CAPÍTULO 16..... 166

A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PARA SE PENSAR EM UMA “DESEDUCAÇÃO” DO CORPO

Nicole Blach Duarte de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.93420170916

CAPÍTULO 17	171
UMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO DESENVOLVIDA NA FACULDADE DE DANÇA ANGEL VIANNA	
Vera Regina Rebello Terra Ausonia Bernardes Monteiro José Geraldo Furtado Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93420170917	
CAPÍTULO 18	178
CORO INFANTOJUVENIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO-MUSICAL, COGNITIVO E PSICOSSOCIAL	
Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira Keyla Lima Brito e Silva Vanessa Araújo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93420170918	
CAPÍTULO 19	190
ARTE URBANA E CIDADANIA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA E FRUIÇÃO	
Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.93420170919	
CAPÍTULO 20	202
PROCESSO HISTÓRICO DO MIRITI, VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS , LEITURA , ALFABETIZAÇÃO , EDUCAÇÃO , CURRÍCULO E ÁREAS DO CONHECIMENTO NA COMUNIDADE PARAMAJÓ	
Jonata da Trindade Ferreira Maria do Socorro Fonseca Rodrigues José Francisco da Silva Costa Manoel Carlos Guimarães da Silva Ana Paula Trindade de Freitas Benezade Barreto da Trindade Maria da Trindade Rodrigues de Sarges Jhonys Benek Rodrigues de Sarges João Batista Santos de Sarges Maria Flaviana Couto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93420170920	
CAPÍTULO 21	217
REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA PERFORMANCE E TEORIA DO FLUXO NA EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE PANDEMIA	
Estela Vale Villegas	
DOI 10.22533/at.ed.93420170921	
CAPÍTULO 22	227
SUBJETIVIDADE E POLÍTICA NA ARTE CONTEMPORÂNEA AUTOBIOGRÁFICA	
Lucas Alberto Miranda de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93420170922	

CAPÍTULO 23.....	235
<i>FENÊTRE ET MIROIR: EXPANDINDO ESPAÇO E CONHECIMENTO ATRAVÉS DA JANELA E DO ESPELHO</i>	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.93420170923	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	247
ÍNDICE REMISSIVO.....	248

DO TEATRO AO CINEMA NEGRO NO BRASIL: MARCAS EM SERGIPE

Data de aceite: 08/09/2020

Wolney Nascimento Santos

PPGCINE/UFS.
Universidade Federal de Sergipe–UFS.

Fabio Zoboli

Universidade Federal de Sergipe - UFS.
Universidad Nacional de La Plata - UNLP/
Argentina.
Universidade Federal da Bahia.
Universidade Regional de Blumenau.

RESUMO: O texto apresenta algumas “cenas” da história do teatro negro no Brasil “contracenando” com a história do cinema negro a fim de encontrar resquícios dessa trajetória em Sergipe. Narra-se a criação do Teatro Experimental Negro (TEN) e como o trabalho desse movimento contribuiu para a produção relacionada ao cinema negro no Brasil e combateu a discriminação aos negros, nesse caso, vistos como estereótipos da representação. No âmbito da história cinematográfica, pontuam-se os movimentos iniciais do cinema negro no Brasil e em Sergipe, procura-se entender sobre a formação desse cinema como ação político-pedagógica da classe negra, na perspectiva de promover uma consciência histórica em relação à condição dos negros africanos e afrodescendentes.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro negro; cinema negro; cinema brasileiro.

FROM BLACK THEATER TO BLACK CINEMA IN BRAZIL: TRACES IN SERGIPE

ABSTRACT: The text presents some "scenes" of the history of Black theater in Brazil "acting" with the history of black cinema in order to find traces of this trajectory in Sergipe. It's narrates the creation of the Black Experimental Theater's (TEN in Portuguese) and how the work of this movement contributed to the production related to Black Cinema in Brazil and combated discrimination against blacks, in this case, seen as stereotypes of representation. In the context of cinematographic history, the initial movements of black cinema in Brazil and in Sergipe are punctuated, it is sought to understand and about the formation of this cinema as a political-pedagogical action of the Black class, in the perspective of promoting a historical consciousness in relation to the condition of Black Africans and Afrodescendants.

KEYWORDS: Black theater; black cinema; brazilian cinema.

1 | INTRODUÇÃO

Historicamente vamos perceber que o corpo negro, enquanto vetor semântico capaz de produzir poéticas artísticas e dramáticas, apenas vai ganhar visibilidade na sociedade brasileira, a partir do surgimento de experiências que irão valorizar e visibilizar estes corpos e suas relações com memórias, ancestralidades, oralidades e consciência

político-ideológica de uma classe. Partindo desse contexto este ensaio tem como objetivo apresentar algumas “cenas” da história do teatro negro no Brasil “contracenando” com a história do cinema negro nacional. Busca-se também, em meio a este percurso histórico encontrar resquícios dessa trajetória no cinema negro sergipano.

O texto é um fragmento da dissertação de mestrado intitulada “Corpo negro: território, memória e cinema” defendida junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O cinema não é apenas o nome de uma arte. É o nome de um dispositivo de exposição, de uma forma de visibilidade de arte. Não existe arte sem uma forma específica de visibilidade e de discursividade que a identifique como tal. Assim, este texto parte do pressuposto que o cinema – imagens em movimento – funciona como dispositivo de difusão de discursos políticos e estéticos que tencionam e colocam em relação valores e contextos culturais. A ideia de pensar imagem em movimento está intrínseca ao que caracteriza o cinema, ou seja, o filme como uma representação visual e sonora criada a partir da montagem articulada de vários elementos. Deste modo pensar a história do negro a partir do teatro e do cinema é também pensar a partilha de discursos políticos e sentidos estéticos que só fazem sentido a partir de uma leitura histórica.

A fim de lograr o objetivo deste ensaio organizamo-lo em três partes. Num primeiro momento narramos a criação do Teatro Experimental Negro (TEN) na figura de seu fundador Abdias Nascimento. Nesta sessão buscamos compreender como o trabalho do TEN e seus atores contribuíram para a produção do cinema negro no Brasil no combate à discriminação racial e aos estereótipos e caricaturas da representação. Na segunda parte do escrito, tratamos da história do cinema negro narrando como os negros eram mostrados nos primeiros filmes do “período silencioso”. Ainda nesse segundo momento pontuamos os movimentos iniciais do cinema negro no Brasil tentando entender a formação desse cinema como uma ação-política-pedagógica da classe negra, na perspectiva da promoção da consciência histórica da condição dos negros africanos e afrodescendentes. Na terceira e última parte tensionamos esta história para entender suas ressonâncias na cinematografia negra no Estado de Sergipe.

2 | O NEGRO NO TEATRO BRASILEIRO

Talvez, o marco mais emblemático da história do negro no Brasil, no que tange ao cenário cênico, dá-se com a criação do Teatro Experimental do Negro – TEN. O TEN foi criado no Rio de Janeiro, no dia 13 de outubro de 1944, por Abdias Nascimento, o ator Aguinaldo Camargo e outros atores. Menciona Abdias:

[...] do grupo fundado participaram: Aguinaldo Camargo, Sebastião Rodrigues Alves, Tibério Wilson, José Herbel, Teodorico dos Santos, Arinda Serafim, Marina Gonçalves, e logo depois vieram Ruth de Souza, Claudiano Filho, Haroldo Costa, Léa Garcia, José Maria Monteiro, José Silva, e muitos outros (NASCIMENTO, 1980, p, 126).

Em 1945, numa noite histórica no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o TEN estreia com o espetáculo “O Imperador Jones”, texto de Eugene O’Neill. A citação que segue narra o que Abdias lembra desta noite:

Sob intensa expectativa, a 8 de maio de 1945, uma noite histórica para o teatro brasileiro, o TEN apresentou seu espetáculo fundador. O estreante ator Aguinaldo Camargo entrou no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde antes nunca pisara um negro como intérprete ou como público, e, numa interpretação inesquecível, viveu o trágico Brutus Jones, de O’Neill. Na sua unanimidade, a crítica saudou entusiasmadamente o aparecimento do Teatro Experimental do Negro e do grande ator negro Aguinaldo Camargo, comparando-o em estrutura dramática a Paul Robeson, que também desempenhou o mesmo personagem nos Estados Unidos. Henrique Pongetti, cronista de O Globo, registrou: “Os negros do Brasil – e os brancos também – possuem agora um grande astro dramático: Aguinaldo de Oliveira Camargo. Um antiescolar, rústico, instintivo grande ator (NASCIMENTO, 2004, p. 213).

O TEN trazia a marca da participação e da inserção das classes populares discriminadas em seus quadros: favelados, empregadas domésticas, operários desqualificados e frequentadores dos terreiros de candomblé, apresentando os primeiros atores dramáticos do teatro brasileiro (NASCIMENTO, 1978). Entre os objetivos do TEN, destaca-se o compromisso em resgatar os valores da cultura africana, preconceitosamente marginalizada à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante:

a) através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental;

b) erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquiado de preto, norma tradicional quando o personagem negro exigia qualidade dramática do intérprete;

c) tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados: como moleques levando cascudos, ou carregando bandejas, negras lavando roupas ou esfregando o chão, mulatinhas se requebrando, domesticados Pais Joões e lacrimogêneas Mães Pretas;

d) desmascarar como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que focaliza o negro, salvo raríssimas exceções, como um exercício esteticista ou diversionista: eram ensaios apenas acadêmicos, puramente descritivos, tratando de história, etnografia, antropologia, sociologia, psiquiatria, etc., cujos interesses estavam muito distantes dos problemas dinâmicos, que emergiam do contexto racista da nossa sociedade (NASCIMENTO, 1978, p. 129-130).

Em 1961, Abdias escreve a coletânea “Dramas para negros e prólogos para brancos”¹, na perspectiva de pensar o teatro como um instrumento artístico e político capaz de evidenciar as questões e os dramas de vida dos negros brasileiros. O sociólogo Florestan Fernandes (1972), num capítulo de sua obra “O Negro no mundo dos brancos” onde trata do teatro negro argumenta que a obra de Abdias contém rica contribuição à compreensão do negro e dos véus com que o branco encobre uma realidade racial pungente. Florestan menciona que esta obra poderia ser vista como uma ‘documentação’ para análise psicológica e sociológica das tensões e conflitos raciais no Brasil (FERNANDES, 1972).

A sociologia vista como práxis por Guerreiro Ramos (1957), considera alguns aspectos teóricos e práticos do TEN, que para ele se apresenta como a primeira denúncia quanto aos embustes “dos chamados estudos sobre o negro”, realizados pela sociologia brasileira. Esses argumentos foram desenvolvidos e evidenciados em seu livro “Introdução crítica à sociologia brasileira” e que, depois, foram retomados e citados por Abdias Nascimento em “O negro no teatro brasileiro”:

O Teatro Experimental do Negro foi, no Brasil, o primeiro a denunciar a alienação da antropologia e da sociologia nacional, focalizando a gente de cor à luz do pitoresco ou do histórico puramente como se se tratasse de elemento estático ou mumificado. Esta denúncia é um *leitmotiv* de todas as realizações do Teatro Experimental do Negro, entre as quais o seu jornal Quilombo, a Conferência Nacional do Negro (1949) e o I Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1950 (NASCIMENTO, 1961, p. 21).

O TEN foi um divisor para a consecução de uma proposta estética para as artes dramáticas do Brasil. Seus atores, algumas de suas montagens e pesquisas saltaram do palco à italiana e foram para o cinema, influenciando várias gerações de diretores, em especial, algumas produções da Chanchada, Cinema Novo e atualmente grupos de teatro e cineastas do cinema negro trazendo para o centro da cena o drama do negro e o trabalho do ator e de seu corpo.

1 A antologia está composta por nove textos, três são de dramaturgos negros: “O castigo de Oxalá”, de Romeu Crusoé; “Auto da noiva”, de Rosário Fusco; e “Sortilégio (mistério negro)”, de Abdias Nascimento. Os outros textos são de dramaturgos brancos, entretanto com inclinação na escrita para o apelo e a análise de questões sociais e populares, são eles: “Além do rio”, de Agostinho Olavo; “Filhos de Santo”, de José de Moraes Pinho; “Aruanda”, de Joaquim Ribeiro; “Anjo Negro”, de Nelson Rodrigues; e “Emparedado”, de Tasso da Silveira.

A propósito sobre o TEN quando perguntavam a Abdias, ele respondia: “O Teatro Experimental do Negro é isto: um instrumento e um elemento da negritude. Seu único valor absoluto é sua generosidade” (NASCIMENTO, 1961, p. 25).

3 | CINEMA NEGRO NO BRASIL

Para o pesquisador Noel Carvalho (2011), no início do cinema negro no Brasil, denominado “período silencioso”, o negro está representado em alguns filmes pelo viés das festas populares e/ou atividades de inauguração que assim eram comuns. Destaque para os filmes: “Dança de um baiano” (Afonso Segreto, 1899), “Dança de capoeira” (Afonso Segreto, 1905), “Carnaval na Avenida Central” (1906), “Pela vitória dos clubes carnavalescos” (1909) e “O carnaval cantado” (1918).

Nos filmes desse período, o negro e o mulato vão estar sempre fora do quadro. Sua presença será fortemente destacada atrás das câmeras no trabalho carregando os equipamentos e na montagem da cenografia, constituindo-se em importante mão de obra, deveras em estágio secundário. Daí por diante, de forma lenta, são vistas aparições de personagens negros se deslocando no interior do fotograma na condução de algum serviço pouco importante ou realizando atividades sempre de caráter subalterno. Essa ação dramática compõe o conjunto da cena, produzindo equilíbrio estético sem comprometer a essência do que acontece em frente a câmera, no primeiro plano da cena. Esse primeiro plano sempre está composto pelos protagonistas que invariavelmente são representados pelos atores brancos. Ao intento da representação do negro, considerando o enquadramento do fotograma fílmico dessa época, incumbia-se ao negro apenas transitar no fundo, sobretudo, sob uma camada difusa com pouca visibilidade. Ao ator branco, a amplitude da cena montada e ensaiada no campo visual à frente da câmera, ao negro, o trabalho do improvisado no fundo do quadro.

No início do século XX, no Rio de Janeiro, contam-se atividades culturais realizadas por artistas negros populares. Eles atuam numa variedade de circos, vaudevilles, nos cabarés e cafés-teatro da cidade. Destaca-se a atuação do ator, cantor e autor teatral, o palhaço negro Benjamin Oliveira, que possuía um talento extraordinário animando as matinês com suas composições: paródias, operetas e dramas circenses, sempre seguidos da execução performática de “lundus, chulas e modinhas” (CARVALHO, 2011; LOPES, 2011, 2015).

Em relação aos episódios sociais reais, destaca-se a presença de negros em documentários e na ficção da época, em *Revolta da esquadra* (1910), de Carlos Lamberti, que conta a história da Revolta da Chibata, na Baía da Guanabara, Rio de Janeiro, em 1910. A rebelião foi liderada pelo cabo negro João Cândido, da Marinha de Guerra, em parceria com outros marujos revoltados que tomaram os navios de guerra *Minas Gerais*, *São Paulo*, *Bahia* e *Deodoro*, que ficaram durante quatro dias com seus canhões direcionados à capital federal Rio de Janeiro, numa atitude de protesto contra o regime punitivo dos oficiais brancos ao castigar os marinheiros negros e mulatos. Os objetivos eram “combater os maus

tratos e as más alimentações da Marinha e acabar definitivamente com o regime da chibata na Marinha”². O marinheiro João Cândido e mais nove revoltosos foram ouvidos e julgados pelo Conselho de Guerra e, após a sentença de absolvição, João Cândido foi expulsos da Marinha. Por um bom tempo, viveu com sua família sob o domínio da dificuldade financeira na função de pescador.

Sob os resquícios da sociedade escravocrata, ainda muito presentes no período pós-abolição, sedimentam questões antagônicas da relação social entre brancos e negros e no cinema dá-se ênfase aos estereótipos e caricaturas na representação das personagens negras. Destacam-se os filmes do gênero da chanchada, que eram comédias popularescas e prosaicas, produzidas pela Vera Cruz e a Atlântida, esta última tinha como maior acionista Luís Severiano Ribeiro, importante proprietário de salas de cinema no país (LEITE, 2005). O gênero chanchada reverberou uma mudança significativa na produção cinematográfica do Brasil.

Em 1965, David Neves participou na Itália, na cidade Genova, da *V Resenha do cinema Latino Americano*. O objetivo do evento era fazer uma paragem com intelectuais, cineastas e artistas da América Latina, África e do Brasil para discutir o cinema no terceiro mundo, em especial, o Cinema Novo brasileiro, recebeu uma mostra retrospectiva e mesas-redondas para debater a recente produção brasileira. David Neves apresentou a tese *O cinema de assunto e autor negro no Brasil*. Na costura da sua abordagem, dizia que não havia filmes de autor negro, entretanto sua fala seguiu na compreensão de que a produção do cinema brasileiro estava mais vinculada ao assunto negro. Com isso, ele defendeu três bases para serem trabalhadas no problema:

O filme de autor negro é fenômeno desconhecido no panorama cinematográfico brasileiro, o que não acontece absolutamente com o filme de assunto negro que, na verdade, é quase sempre uma constante, quando não é um vício ou uma saída inevitável.

A mentalidade brasileira a respeito do filme de assunto negro apresenta ramificações interessantes tanto no sentido da produção e de realização quanto do lado do público. O problema pode ser encarado como:

a) base para uma concessão de caráter comercial através das possibilidades de um exotismo imanente;

b) base para um filme de autor onde a pesquisa de ordem cultural seja o fator preponderante;

c) Filme indiferente quanto às duas hipóteses anteriores; onde o assunto negro seja apenas um acidente dentro do seu contexto (NEVES, 1968, p.81).

² Depoimento de João Cândido Felisberto ao Museu da Imagem e do Som (MIS). <https://www.youtube.com/watch?v=y3lfc9B0mE> – consultado em 23-06-18.

David Neves apontou uma fronteira entre os filmes que representaram o negro até aquele momento e evidenciou que o Cinema Novo rompia com a antiga forma de tratar o negro no cinema, como visto nos filmes do gênero da chanchada que exploraram comercialmente o tema negro e apregoaram, no inconsciente do público, estereótipos e caricaturas que consolidaram uma posição racista. Em seguida, David Neves cita os filmes que estariam em consonância com as bases supracitadas para o cinema negro no Brasil:

Pode-se ver que, culturalmente, a manifestação de um cinema negro quanto ao assunto foi até hoje episódica e só tem sido abordada como via de consequência. Digo foi porque, no panorama cinematográfico brasileiro emergiram cinco filmes que serão, no método indutivo que proponho adotar aqui as bases de uma modesta fenomenologia do cinema negro no Brasil. Os filmes são: "Barravento", "Ganga Zumba", "Aruanda", "Esse mundo é meu" e "Integração racial" (NEVES, 1968, p.75-76).

Nessa perspectiva, o movimento do Cinema Novo, composto pelos jovens: Glauber Rocha, Miguel Borges, Carlos Diegues, David Neves, Mário Carneiro, Paulo Saraceni, Leon Hirszman, Marcos Farias, Linduarte Noronha, Sergio Ricardo e Joaquim Pedro de Andrade e outros diretores trouxeram para o centro do fotograma cinematográfico o povo brasileiro e o extrato de suas histórias.

Na década de 1970, quando os atores negros Zózimo Bulbul e Valdir Onofre e Antonio Pitanga passaram a dirigir seus filmes, é que se apresenta um novo momento no cinema negro: a não utilização dos estereótipos e caricaturas quanto à representação do(a) negro(a). Ênfase ao filme "Alma no olho" (1973)³, de Zózimo Bulbul. Um filme independente, feito com sobras de películas do longa-metragem: "Compasso de espera"(1970), de Antunes Filho⁴, no qual Zózimo Bulbul foi protagonista com Renée de Vielmond.

Nos finais dos anos 1999, com o acesso aos equipamentos audiovisuais e organizados para pauta popular de reivindicação quanto à implantação de políticas públicas para a área do audiovisual e cinema, os/as cineastas negros/as se organizam em torno de dois importantes movimentos: o Dogma Feijoada (2000) e o Manifesto de Recife (2001). O Dogma Feijoada foi idealizado pelo cineasta Jeferson De (2005, p. 95), que foi encarregado de ler os preceitos do manifesto:

3 "Alma no olho" é um filme em bitola 35mm, PB, 12min. Foi escrito, dirigido, produzido e atuado por Zózimo Bulbul e foi laureado com o prêmio Humberto Mauro, na VI Jornada Brasileira de Curta-metragem em Salvador/BA, em 1977. Zózimo Bulbul influenciará as gerações de cineastas negros(as), criando o Centro Afrocarrioca de Cinema e os Encontros de Cinema Negro.

4 Seu diretor fez apenas um filme e dedicou-se por completo aos serviços das artes cênicas, deixando-nos uma sensação de que, se assim continuasse no cinema, frutificaria outras obras manifestos, a exemplo dessa que tão bem discute o mito da democracia racial e as relações de preconceito no Brasil.

- 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro;
- 2) O protagonista deve ser negro;
- 3) A temática do filme tem que estar relacionada com a cultura negra brasileira;
- 4) O filme tem que ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes;
- 5) Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos;
- 6) O roteiro deverá privilegiar o **negro comum** (assim mesmo em negrito) brasileiro;
- 7) Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados.⁵

O Dogma Feijoada gerou polêmicas nos meios de comunicação, por conta dos formadores de opinião que divergiam quanto ao movimento. Mas o Dogma Feijoada se efetivou como uma primeira tentativa de os cineastas negros/as: Noel Carvalho, Ari Candido, Rogério Moura, Lílian Santiago, Daniel Santiago e Billy Castilho proverem uma proposta para o cinema brasileiro, sobretudo, exigindo políticas de representação para os realizadores negros.

O Manifesto do Recife aconteceu na 5ª edição do Festival de Recife, em 2001. Os protagonistas foram atores, atrizes, realizadores negros, com o apoio de profissionais do circuito técnico do cinema. O manifesto trazia os seguintes pontos:

- 1) O fim da segregação a que são submetidos os atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros nas produtoras, agências de publicidade e emissoras de televisão;
- 2) A criação de um fundo para o incentivo de uma produção audiovisual multirracial no Brasil;
- 3) A ampliação do mercado de trabalho para atrizes, atores, técnicos, produtores, diretores e roteiristas afrodescendentes.
- 4) A criação de uma nova estética para o Brasil que valorizasse a diversidade e a pluralidade étnica, regional e religiosa da população brasileira (CARVALHO, 2005, p. 98).

⁵ Ver detalhadamente CARVALHO, N. S. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. In: CARVALHO, N e Jéferson, D. *Dogma Feijoada, o cinema negro brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

O manifesto foi assinado por Antônio Pitanga, Antônio Pompeo, Joel Zito Araújo, Luiz Antônio Pillar, Maria Ceíça, Maurício Gonçalves, Milton Gonçalves, Norton Nascimento, Ruth de Souza, Thalma de Freitas e Zózimo Bulbul.

Os dois manifestos inauguram um momento histórico, porque eles retomam as discussões que foram planejadas desde os anos 1940 quanto às representações racistas. Nessa perspectiva, comparando os dois manifestos, inferimos que o Dogma Feijoadá, que foi organizado por um grupo de cineastas, tinha como pauta principal uma mudança nos modos de representação do negro no cinema. Já o Manifesto do Recife, apresenta-se como a primeira manifestação de profissionais do cinema negro na perspectiva de reivindicar políticas públicas para o audiovisual brasileiro.

4 | CINEMA NEGRO EM SERGIPE

Em Sergipe, não se tem um levantamento preciso e sistemático da produção do cinema negro e de assunto negro. Para dar o caráter didático a este texto estabelecemos os primeiros pressupostos de caráter geral, onde o cinema negro tem como referência o trabalho do ator Severo D’Acelino - Militante e Fundador do Movimento Negro em Sergipe, Bahia e Alagoas – Ativista dos Direitos Civis e Coordenador Geral da Casa de Cultura Afro-Sergipana.

Severo D’Acelino menciona que sua iniciação teatral se deu desde cedo por conta da prática e entendimento com o candomblé, sob a pedagogia do Terreiro Airá, localizado no Morro da Suíça Braba, onde participou das danças e dramatizações comandadas por sua avó, Mãe Eliza. Em seguida suas experiências teatrais acontecem na Escola Municipal Presidente Vargas sob a orientação de uma professora que ministrava a disciplina de história. Atuou, dirigiu e ministrou oficinas teatrais na Escola Técnica Federal de Sergipe. Conheceu o Projeto Armorial, idealizado por Ariano Suassuna, assim como as ideias de Abdias Nascimento e a experiência do Teatro Experimental do Negro - TEN e decidiu fundar em 16 de outubro de 1968, o Movimento Negro em Sergipe, junto à criação do Grupo Regional de Folclore e Artes Cênicas Amadorísticas Castro Alves/GRIFACACA (BENEVIDES, 2017). Este grupo teve atuação destacada na cena cultural do estado através de suas apresentações artísticas e o trabalho pedagógico na formação dos quadros do movimento negro, através de cursos e oficinas associada a criação da Casa de Cultura Afro Sergipana, espaço de resistência que coaduna com a salvaguarda do patrimônio cultural das tradições afro-sergipanas.

D’Acelino produziu e dirigiu o documentário etnográfico “Filhos de Obá”⁶. Mas é como ator, que seu trabalho é mais reconhecido – atuou em “Chico Rei” (1985), de Walter Lima Jr.; “Espelho D’Água – uma viagem no Rio São Francisco” (2004), de Marcus Vinicius Cezar; Fez parte do elenco da emissora Rede Globo, interpretando Alfredão,

6 Segundo Severo D’Acelino não se tem cópia desse filme.

no seriado “Tereza Batista cansada de guerra” (07/04 - 22/05/1992), de Vicente Sesso e direção Fernando Rodrigues de Souza e Walter Campos; e como Eugênio Etere, na novela “Velho Chico” (14/03 - 30/09/2016), de Benedito Ruy Barbosa e direção de Luiz Fernando Carvalho⁷.

A partir do home vídeo – VHS e do cinema digital posicionamos os filmes a trilogia – “As Aventuras de Seu Euclides” – “Parafusos”(2007), “Chegança”(2008) e “Lambe-sujos e Caboclinhos”(2012)⁸ – de Marcelo Roque Belarmino que são curtas-metragens realizados a partir do teatro de bonecos e toda a sua *mise-en-scène* se constitui no trabalho de manipulação, onde o teatro de formas animadas converge com o cinema e seu roteiro versa pela história dos festejos folclóricos de Sergipe. Nesta fase incluímos alguns vídeos produzidos pelo Instituto Recriando, através do Projeto Mídia Jovem, dentro da perspectiva do educomunicação; “Socorro - Uma Guerreira” (2009), de Flávia Bispo dos Santos e Maria Barbosa Santos; “Coqueiral uma história de resistência” (2009), de Luciella Tavares da S. Santos e Irenilson Santos.

O cinema negro em Sergipe tem uma inclinação ao cinema documental, destacam-se neste trabalho os filmes: “Caixa D’Água-Qui-Lombo é Esse?” (2013) de Everlane Moraes; “O Corpo é Meu” (2014) de Luciana Oliveira; “Nadir da Mussuca” (2015) de Alexandra Gouvêa Dumas. Estes filmes possuem traços estilísticos que os inferem ao gênero documentário, considerando que suas realizadoras trilham diálogos e convergências com narrativas contemporâneas:

Em sintonia com seu tempo podem dizer, sem constrangimento, que fazem documentário, apresentando narrativas diversas como resultado do seu trabalho. Incorporando procedimentos abertos pela revolução estilística chamada cinema direto/verdade, trabalhando com imagens manipuladas digitalmente, tomadas com câmeras minúsculas e ágeis, o documentário contemporâneo possui uma linha evolutiva que permite enxergar a totalidade de uma tradição. Uma totalidade que tem origem de sua conceitualização nas formulações griersonianas e que sofre as inflexões de seu tempo (RAMOS, 2008, p. 21).

Com isso, os filmes inclinam asserções de fala na primeira pessoa, inclinado intencionalmente no “eu” das personagens que se colocam corpo-a-corpo no enquadramento e diante do mundo, onde “o documentário, portanto se caracteriza como narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo e de si” (RAMOS, 2008, p. 24), compondo amplitude de posições de falas de mulheres negras e homens negros.

A diretora Everlane Moraes conta a história da comunidade onde vive, a Maloca,

7 Disponível em <http://jornalnago.blogspot.com.br/2008/06/severo-dacelino.html>: <https://filmow.com/velho-chico-t118731/ficha-tecnica/>. Acesso em 09/11/2016.

8 Os três filmes foram agraciados pelo Edital de Incentivo e Patrocínio do Programa BNB de Cultura.

que tem a certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares – FCP como comunidade remanescente de quilombo com portaria publicada no Diário Oficial da União em 07/02/2007⁹, através da oralidade de seus moradores mais antigos. O título do filme é uma provocação que faz referência ao corpo negro castigado e sofrido. A pergunta através da utilização da interrogação, remete a todos, inclusive à diretora Everlane que mergulha em descobrir o seu território a Maloca: Qui-lombo é esse?

Luciana Oliveira em seu filme prioriza o local de fala, entrevistando mulheres em diversas texturas e camadas sociais a exemplo do grupo das de 30 a 50 anos, que discutem a veiculação da imagem estereotipada da mulher nos meios de comunicação, sobretudo na TV e nos anúncios publicitários. O documentário “O corpo é meu” foi realizado por um coletivo de mulheres, e se configura numa experiência que transita pelo performático de um “cinema negro no feminino” com fortes características políticas em ações coletivas. Quando assistimos as cenas da participação da equipe do filme na marcha das vadias, que aconteceu no dia 14 de junho de 2014, com o tema “Dia de Vadiar”, impulsionado pelas imagens e pelo processo ao qual o filme me conduzia na condição de pesquisador, escrevi de imediato: Afinal, o corpo em cena acena e reverbera um grito coletivo no feminino! No corpo, palavras escritas que soam o protesto e a angústia; o corpo filmado e editado; o corpo em evidência; o corpo transeunte na rua, na cidade, o corpo poema. Nessa perspectiva, “O corpo é meu” se constitui numa fonte histórica audiovisual e compõe o dossiê do movimento feminista em Sergipe como uma fonte integrante de um “inventário”, onde sua realizadora Luciana Oliveira tenciona o corpo representado nos meios de comunicação.

Em “Nadir da Mussuca”, Alexandra Gouvêa Dumas, coloca no centro do seu filme *Dona Nadir*, do território Mussuca, falando do mito fundador da comunidade, através das reminiscências do passado ancestral. Seu objetivo com o filme é visibilizar para as pessoas a memória afro-brasileira, apresentada pela Mestra Dona Nadir, “Guardiã do saber”, que canta e dança as manifestações culturais do seu território Mussuca, localizado no entorno da cidade de Laranjeiras/SE, tendo seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares – FCP, como comunidade remanescente de quilombo com portaria publicada no Diário Oficial da União em 20/01/2006¹⁰.

Findo na perspectiva de que os filmes aqui citados compõe o Cinema Negro no Feminino e nosso objetivo permanece em conhecer como esses filmes são produzidos e como podemos pensar o processo em que suas realizadoras se colocam descolonizando a linguagem narrativa cinematográfica, quando trazem em “primeira pessoa” as falas das mulheres. E também em “primeira pessoa” os seus olhares de diretoras. Dentro deste cinema negro que se prospecta, haverá ainda de vermos em Sergipe outras diretoras filmando as questões importantes da mulher negra.

9 Ver Fundação Cultural Palmares – FCP. <http://www.palmares.gov.br/quilombo/uploads/2015/07/crqs-26-04-2018.pdf>. - Consultado em 08 jul. 2018.

10 Ver Fundação Cultural Palmares – FCP. <http://www.palmares.gov.br/quilombo/uploads/2015/07/crqs-26-04-2018.pdf>. - Consultado em 08 jul. 2018.

Atualmente destacam-se o trabalho e a produção intelectual das realizadoras Everlane Moraes, Luciana Oliveira e Alexandra Gouvêa Dumas, juntam-se outras realizadoras e instituições que começam a promover eventos que trazem este cinema em questão: A Universidade Federal de Sergipe – UFS, por intermédio do Curso de Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema – PPGCINE, do Núcleo de Produção Digital-NPD/PMA e da área do terceiro setor com o trabalho do Serviço Social do Comércio – SESC, por meio da Atividade Cinema. Acrescenta-se as instituições que realizam festivais e mostras de cinema, como a Mostra de Cinema Negro de Sergipe – EGBÉ e as atividades educativas e culturais da Mostra Pluriartística do Coletivo de Artistas Novembro Negro.

Estejamos abertos para os desdobramentos deste cinema que trilha empoderamento e visibiliza homens e mulheres e, que certamente frutificará uma sociedade posicionada no direito de fala!

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, L. S. *A cidade em mim*. Aracaju, SE: EDISE, 2017.

CARVALHO, N. Santos. Dois ensaios de sistematização da questão racial no cinema: o contexto do cinema Novo. In: SOUZA, Edileuza Penha de. (Org.). *Negritude, Cinema e Educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003*. – 2. ed. v.2 – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

CARVALHO, N. S. Esboço para uma história do negro no cinema Brasileiro. In: CARVALHO, Noel e Jéferson, De. *Dogma feijoada, o cinema negro brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

CARVALHO, N. S. O cinema em negro e branco. In: SOUZA, Edileuza Penha de. (Org.). *Negritude, Cinema e Educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003*. – 2. ed. v.1 – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

FLORESTAN, F. O Teatro Negro. In: *O Negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

LEITE, S. F. *Cinema Brasileiro – das origens à retomada*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

LOPES, N. *Dicionário Escolar Afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2015.

LOPES, N. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

NASCIMENTO, A. *Dramas para negros e prólogo para brancos*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, A. *O Genocídio do Negro Brasileiro. Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, A. *O QUILOMBISMO – Documento de uma militância pan-africanista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, A. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. *Revista Estudos Avançados* – Universidade de São Paulo – USP. Volume 18 – número 50 – Janeiro/Abril, 2004.

NEVES, David. *O Cinema de assunto e autor negros no Brasil*. Cadernos Brasileiros: 80 anos de abolição. Rio de Janeiro: Editora Cadernos Brasileiros, ano 10, n. 47, p. 75-81, 1968.

RAMOS, G. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Andes Limitada. 1957.

RAMOS, F. P. *Mas afinal...o que é mesmo documentário?* – São Paulo: Editota Senac São Paulo, 2008.

Depoimento de João Cândido Felisberto ao Museu da Imagem e do Som (MIS). <https://www.youtube.com/watch?v=y3lfcd9B0mE> – consultado em 23-06-18

Fundação Cultural Palmares – FCP

<http://www.palmares.gov.br/quilombo/uploads/2015/07/crqs-26-04-2018.pdf>. - Consultado em 08 jul. 2018

Jornal Nagô

Disponível em <http://jornalnago.blogspot.com.br/2008/06/severo-dacelino.html>: <https://filmow.com/velho-chico-t118731/ficha-tecnica/>. Acesso em 09/11/2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abaetetuba 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213

Anatoli Vassiliev 116, 117, 119

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 66, 69, 70, 72, 73, 84, 87, 88, 91, 92, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 142, 147, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 186, 190, 191, 193, 194, 195, 200, 201, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 244, 245, 247

Arte-ciência 131, 132, 133

Artes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 44, 45, 47, 49, 51, 54, 55, 56, 61, 69, 70, 74, 77, 79, 84, 85, 86, 89, 93, 99, 102, 105, 106, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 141, 145, 156, 170, 188, 190, 191, 217, 218, 220, 221, 234, 235, 246, 247

Artes Cênicas 16, 23, 24, 27, 28, 77, 79, 85, 86, 89, 93, 102, 105, 116, 118, 120, 121, 127, 218, 221

Arte urbana 190, 193, 194, 195, 200

Autoconhecimento 110, 113, 206, 235, 241

Autoficção 84, 85, 86, 87, 89, 90, 93

B

Bailarina 103, 146, 149, 174, 235, 239, 243, 244, 247

C

Cena 23, 24, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 40, 41, 63, 65, 74, 75, 79, 81, 84, 90, 93, 102, 103, 104, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 146, 155, 174, 175, 176, 239, 241, 242, 243

Cinema 1, 3, 5, 13, 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 43, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 238

Cinema brasileiro 43, 71, 76, 78, 82

Coleção 44, 57, 61, 67, 68, 170

Corpo 20, 27, 28, 29, 53, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 81, 89, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 176, 205, 212, 215, 217, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 229, 230, 231, 234, 236, 244

Crime 32, 36, 37, 40, 41, 196

Cultura 2, 8, 9, 16, 19, 21, 31, 42, 46, 47, 54, 55, 61, 69, 70, 73, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 117,

118, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129, 132, 139, 141, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 181, 192, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 215, 224, 228

D

Dança 1, 2, 5, 7, 8, 10, 16, 24, 27, 31, 75, 81, 101, 111, 127, 129, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 239, 243, 244

Dança Afro-Brasileira 143, 145, 146, 148, 155, 157

Dramaturgia 23, 28, 30, 91, 93

E

Educação 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 31, 45, 46, 49, 53, 82, 89, 90, 91, 95, 118, 125, 129, 130, 141, 143, 145, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 180, 181, 189, 190, 195, 196, 200, 202, 203, 204, 210, 211, 212, 213, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 245

Encenação 2, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 21, 22, 56, 66, 67, 68, 89, 90, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 125, 126, 131, 134, 140, 156, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 183, 191, 198, 200, 202, 204, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 225

Ensino 6, 11, 89, 170, 190, 191, 192, 193, 200, 210, 211, 212, 216

Espelho 79, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246

Experiência 9, 15, 17, 18, 21, 28, 29, 79, 81, 84, 85, 86, 87, 90, 98, 102, 103, 107, 108, 109, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 148, 157, 158, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 182, 217, 218, 219, 220, 222, 228, 229, 231, 232, 238

F

Fenomenologia 77, 161, 234

Ficção 35, 36, 37, 75, 84, 85, 86, 87, 90, 147, 150, 152

Fotografia 3, 13, 36, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 126, 128, 132, 235, 237, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 247

Fotografia médica 57, 64, 68, 69

H

História 3, 4, 8, 9, 11, 16, 21, 25, 27, 32, 33, 35, 40, 44, 47, 50, 52, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 78, 79, 80, 82, 90, 91, 92, 93, 98, 100, 104, 109, 112, 113, 146, 148, 150, 151, 152, 157, 158, 159, 160, 164, 191, 195, 200, 202, 204, 205, 208, 209, 213, 218, 228, 229, 230, 234, 236, 238, 242, 246, 247

I

Indivuação 106, 112

Intermídia 131, 132

K

Konstantin Christoff 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69

M

Marabá 44, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 54, 55, 56

Mediação teatral 120, 121, 123

Membranas 131, 136, 138, 139, 141

Memória 8, 49, 62, 67, 70, 72, 81, 84, 85, 86, 90, 93, 103, 120, 121, 122, 123, 125, 146, 160, 177, 182, 184, 230, 232, 240, 241, 245

Mercedes Baptista 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160

Mikhail Butkevich 116

Miriti 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216

Modos de endereçamento 23, 26, 27, 28, 30, 31

O

Oralidade 81, 143, 144, 147, 153, 186, 206

P

Pandemia 217, 218, 219, 222, 223, 225

Pedagogia Crítica Performativa 217, 218, 221, 222, 224

Performance 23, 30, 57, 67, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 115, 131, 132, 133, 135, 136, 144, 155, 175, 177, 179, 182, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226

Processo criativo 5, 13, 16, 23, 24, 28, 30, 110, 148, 150, 154, 156, 239

R

Realidade 9, 14, 20, 35, 63, 66, 74, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 111, 113, 117, 129, 131, 136, 137, 163, 175, 202, 204, 205, 206, 207, 210, 213, 214, 219, 221, 223, 226, 239, 241, 245

Reflexo 4, 7, 29, 235, 237, 240, 241

Respiração 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115

S

Sensibilidade 3, 10, 47, 86, 114, 161, 162, 163, 164, 206

Stanislávski 116, 117, 118

T

Teatro 11, 1, 2, 3, 5, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 19, 23, 28, 29, 31, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 123, 124, 127, 129, 146, 153, 221, 222, 234, 239, 241

Teoria do Fluxo 217, 218, 219, 223

Tradução Intersemiótica 132, 142


V

Vocalidade 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS